

**OS FIOS DA MEMÓRIA DE PROFESSORAS SOBRE A
TELENOVELA E SUA NARRATIVA**

Sonia Maria David Marrafa



De acordo com Walter Benjamin em "O Narrador" a memória é a "musa da narrativa", é a "mais épica de todas as faculdades" provocando o surgimento não de "lembranças", mas sim de "reminiscências". E é a memória que permite que eu faça o entrelaçamento de fios entre o passado e o presente de tal sorte que me deparo com a chegada da televisão em minha casa, fazendo parte do cotidiano da minha família, onde tive a oportunidade de assistir a primeira telenovela a ter exibição diária no Brasil "2-5499 Ocupado", que tinha como atores principais Tarcísio Meira e Glória Menezes. Assistir telenovela tornou-se parte da minha rotina e da maioria das mulheres em nosso país e o nosso cotidiano, a partir de meados do século passado, passou a ser narrado em um lugar específico: a telenovela.

O meu novo hábito de assistir telenovela diariamente se juntou ao meu antigo hábito de leitura dos livros de contos maravilhosos, onde destaco o livro das "Mil e uma noites", pois, da mesma forma como fazia Sherazade em sua narrativa diária, que sabia que nada mais lhe restava: ou narrava ou morria, os capítulos da telenovela, apresentam o seu clímax diário e atingem cerca de 150 a 180 capítulos em média, podendo estender-se caso haja necessidade. O que me atraiu mais na telenovela e me tornaram uma fã desse gênero televisivo foi essa sua característica própria, que parte de uma narrativa única e se desdobra em inúmeros capítulos, sendo que o último representa o seu fechamento. Desde o seu surgimento, a telenovela se constituiu em um novo paradigma de contar/narrar histórias, tendo em vista se revestir das normas de como se contar uma história fundamentada no modelo clássico de narrativa apregoado por Benjamin.

De leitora contumaz, tornei-me também uma noveleira de carteirinha e esses dois hábitos me acompanharam em minha vida de menina, mulher e professora, pois faço parte de uma geração para a qual tornar-se professora era caminho natural da educação feminina. A telenovela, por captar facilmente a atenção do seu público, tem um alto índice de

audiência e, por isso, está no centro da produção de identidades, pois ela cria um mundo onde as pessoas participam da vida alheia, alimentando o imaginário social sobre esta ou aquela profissão, assim como apresenta uma educação sentimental que interfere no cotidiano das mulheres a ponto de influenciá-las através do enredo, figurino, moda ou maquiagem. Hoje, enquanto pesquisadora que tem como interlocutoras professoras da educação infantil, constato que a telenovela ainda faz parte do cotidiano da maioria delas, desde pequenas. Tanto a telenovela quanto a profissão docente têm seus caminhos entrelaçados por um fio comum, já que ambas têm como foco as mulheres. Por meio de entrevistas, verifico que essas professoras sabem tudo sobre o tema e têm conhecimento de que a telenovela representa um lugar de memória, de narrativa que rememora, sendo, portanto um arquivo de memória que retrata diferentes épocas e se torna o espaço onde ocorre a legitimação de hábitos, de modos de pensar e formas de agir.

Através da memória dessas professoras da educação infantil, está sendo possível resgatar da narrativa da telenovela a personificação da figura das personagens professor/a ali retratadas, fazendo emergir do ato de rememorar, uma análise crítico-reflexiva dessa personificação. Segundo as falas das professoras, as personagens professor/a que vêm fazendo parte das narrativas telenovelescas demonstram o reflexo do posicionamento que a sociedade tem relação com a representação da identidade do/a professor /a e como isto se reflete na identidade profissional. Neste percurso, alguns pontos foram levantados pelas professoras, como a desvalorização da função docente, o não reconhecimento do professor/a da educação infantil, a maneira estereotipada como é mostrada sua imagem [1] e a concepção do seu trabalho, daí, segundo elas nunca estão na posição de personagem principal. Dentre as poucas personagens professoras retratadas nas telenovelas e citadas pelas professoras temos as interpretadas por Maitê Proença (Clotilde, lembrada não pelo nome da personagem, mas por ter sido a “professorinha” do Sassá Mutema, em Salvador da Pátria), Gabriela

Duarte (Miriam, em Sete Pecados) e Cléo Pires (Margarida, em Ciranda de Pedra). Fica a esperança, para essas professoras, de que, um dia, a telenovela retrate com real merecimento o/a professor/a dentro de um contexto educacional verdadeiro, não como uma personagem insignificante envolvida em estereótipo, mas como uma profissional imprescindível à sociedade.

Sobre o(a) autor(a):

Sonia Maria David Marrafa: Pedagoga pela UERJ. Mestranda em Educação pela UERJ. Professora Substituta da faculdade de educação da UERJ.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- [1] Exemplo desse estereótipo, a coluna Revista da TV, do Jornal Globo on Line, em 14/10/2007, ao comentar a novela Sete Pecados, que estreava no momento, refere-se assim à nove personagem desempenhada por Gabriela Duarte (a professora Miriam): Acostumada a fazer o papel da mocinha, que passa a novela beijando o mocinho ou sofrendo por ele, Gabriela Duarte assume que precisava passar por um teste diferente na sua carreira. Em "Sete pecados", ela é Miriam, a firme coordenadora da fictícia escola Janete Emmer Gomes.